

Valores humanos e sociais em Tucídides – tensões de ontem e de hoje¹

ADRIANA FREIRE NOGUEIRA
CEC – Fac. Letras, Lisboa / Universidade do Algarve

No actual contexto histórico mundial, Tucídides é, provavelmente, o autor da Antiguidade mais citado nos estudos político-sociais da contemporaneidade, pois a *História da Guerra do Peloponeso* tem continuado a ser lida e estudada nas diversas conjunturas que a política internacional vai assumindo. Ainda não há muitos anos, escreveu-se: «talvez não haja uma afiada dicotomia entre a Atenas «clássica» e a América «moderna». Em vez disso, a Atenas de Péricles pode ser um microcosmo do projecto moderno: uma cidade-estado poderosa que satisfaz os apetites dos seus cidadãos através da guerra e do comércio»².

Onde está, então, esta modernidade de Tucídides? Que valores estarão inscritos na sua obra de modo a fazerem dela um espaço de reflexão da actualidade?

A *História da Guerra do Peloponeso* pode ser lida por diversos prismas e tem permitido diferentes perspectivas de análise³; no entanto, não será fácil ler esta obra pondo de lado a questão dos valores humanos equacionados pelo seu autor.

Com este texto pretende-se apresentar alguns dos valores humanos e sociais que Tucídides expôs na narração da longa guerra que opôs Atenas a Esparta no século V antes da nossa era. Sem necessitar de indicar comparações, vai ser claro como as tensões dos comportamentos de ontem são passíveis de identificação nos comportamentos de hoje. Para tal, analisaremos três agentes sociais desta guerra (a cidade, os cidadãos, os chefes) e concluiremos com a dicotomia νόμος/φύσις que está na base do comportamento social do ser humano.

¹ Parte deste artigo foi retirada da minha tese de doutoramento, orientada pelo Professor Victor Jabouille, defendida a 17 de Setembro de 2001 e marcada pela sua presença na ausência.

² «perhaps there is no sharp dichotomy between «classic» Athens and «modern» America. Instead, Periclean Athens may be a microcosm of the modern project: a powerful city-state that satisfied the appetites of the citizens by war and commerce». NICK PAPPAS, «Athens and America», in LOWELL GUSTAFSON (ed.), *Thucydides' Theory of International Relations – A Lasting Possession*, Baton Rouge, 2000, p. 236.

³ LAURIE M. JOHNSON põe em causa as interpretações realistas e neorealistas de Tucídides (*Thucydides, Hobbes, and the interpretation of Realism*, DeKalb, 1993); TIM ROOD, no seu livro *Thucydides: Narrative and Explanation*, Oxford, 1998, defende uma análise na perspectiva da Narratologia (como já IRENE DE JONG tinha feito para *A Iliada*, em *Narrators and Focalizers: the Presentation of the Story in the Iliad*, Amesterdão, 1987).

1. A Cidade

ἄνδρες γὰρ πόλις, καὶ οὐ τείχη οὐδὲ νῆες ἀνδρῶν κεναί. (VII.77.7).

Uma cidade é feita por homens e não muros ou navios sem homens lá dentro.

Apesar de outras cidades terem tido a sua relevância na *História da Guerra do Peloponeso*, Atenas é, de entre elas, a personagem principal. Arquidamo, em 431 a.C., no início da guerra, descreve-a deste modo:

(avancamos) contra uma cidade muitíssimo poderosa
(ἐπὶ πόλιν δυνατωτάτην – II.11.1)

[...] (que) está excelentemente equipada em tudo
(τοῖς πᾶσιν ἄριστα παρεσκευασμένην – II.11.6)

e louva as qualidades de Atenas, caracterizando os seus habitantes como homens mais habituados a atacar do que a serem atacados (II.11.8). A glória será a recompensa, pois quanto mais poderosa for a cidade que os Lacedemónios vencerem maior será o seu prestígio (II.11.9).

No Inverno de 431-430 a.C., no fim da primeira invasão pelo peloponésia à Ática, Péricles pronuncia um discurso pelos Atenenses mortos, a chamada *Oração Fúnebre* (II.35-46). Neste discurso, Atenas é apresentada como o exemplo perfeito da cidade do poder, encarnando as ideias do seu autor. Péricles vai defender que Atenas é poderosa pela *physis*⁴ e que todos devem admirar a sua δύναμις, fonte de permanente grandeza e garante de uma existência em abstracto.

Em nota a I.89.3, Jacqueline de Romilly chama a atenção para a expressão Ἀθηναίων δὲ τὸ κοινόν que «distingue a existência política dos Atenenses da existência material de Atenas⁵». Esta existência do povo, autónoma em relação à cidade física, pressupõe uma identificação colectiva com características e modos de agir que definiriam a *physis* de Atenas. O substantivo usado para descrever estas características é τρόπος, o qual pensamos que tem, tanto aqui como em outros passos⁶, o mesmo sentido de *physis*. Inclusive, Péricles utiliza-o, em II.39.4, como oposto a *nomos*, numa dicotomia em tudo idêntica à *nomos/physis*.

Tucídides constrói o discurso de Péricles dentro das normas de um epitáfio⁷, seguindo os *topoi* habituais, garantindo que as regras serão cumpridas (II.35.3.). No entanto, Aristóteles⁸, quando define o encómio e o louvor, não referê a possibilidade de estes serem dirigidos a cidades, mas apenas a indivíduos, enquanto a oração de Péricles apresenta um louvor colectivo à *polis*. Este aspecto assume especial importância se considerarmos que a cidade funciona como elemento estabilizador, elemento de ligação entre o passado e o presente. A cidade é a herança que os antepassados deixaram aos Atenenses, afirma o estratega (II.36.1-2), um dote contendo os valores que a levaram ao poder, valores esse que, respeitados, possuam em si as qualidades que permitiriam a expansão do império sem perda de regalias herdadas, como a liberdade. Péricles usa o passado como recurso para fazer sobressair o pre-

⁴ Todavia, este argumento não é, necessariamente, verdadeiro. Tucídides, ao longo da narrativa, mostra que Atenas não é forte devido à *physis* ou, se o é, a *physis* do poder não é permanente.

⁵ «distingue l'existence politique des Athéniens de l'existence matérielle d'Athènes, alors détruite». JACQUELINE DE ROMILLY (texte établi et traduit), *Thucydide, La Guerre du Péloponnèse*, Livre I, Paris, Société d'Édition «Les Belles Lettres», 21958.

⁶ I.76.2.; III.10.1.; V.63.2.; VI.9.3.; VI.87.3.; VII.55.2.; VIII.96.5.

⁷ Cf. *Retórica* de Aristóteles (ver nota seguinte); NICOLE LOREAU, *L'invention d'Athènes*, Paris, 1981, especialmente o capítulo V. «L'oraison funèbre, genre politique»; Sobre o *epitaphios logos* e o *encómion*, ver JOHN EDMUND ZIOLKOWSKI, *Thucydides and The Tradition of Funeral Speeches at Athens*, Chapel Hill, 1963, principalmente pp.15-18.

⁸ *Retórica*, 1367b.

sente, falando da cidade como se ela fosse independente dos seus cidadãos, com características próprias. Essas características, que estariam na base do seu poder, seriam, nomeadamente, o regime político (II.37.1) e o cosmopolitismo comercial (II.38.2) e social (II.39.1). Contudo, a maioria dos *topoi* a que se refere são humanos, afirmando:

ἄ γὰρ τὴν πόλιν ὕμνησα, αἱ τῶνδε καὶ τῶν τοιῶνδε ἀρεταὶ ἐκόσμησαν (II.42.2.)
pois as virtudes destes e dos que são como eles embelezaram a cidade que celebrei

Será, então, a *physis* de Atenas diferente da dos Atenienses?

2. Os cidadãos

Voltemo-nos agora para a descrição que se faz deste povo na *História da Guerra do Peloponeso*. Outras populações tiveram os seus momentos de destaque nesta contenda, mas a sua aparição, mais ou menos fugaz⁹, deve-se ao facto de terem sido vítimas de Atenas ou Esparta. Assim, é sobre os habitantes destas duas cidades que nos iremos deter.

No livro I, os Coríntios apresentam as principais divergências de carácter entre os Lacedemónios e os Atenienses. O perfil que nos traçam dos Lacedemónios é de quem tem uma natureza de perdedor: são ingénuos, uma vez que a *confiança* (τὸ πιστόν) que demonstram e a *moderação de comportamento* a que aspiram (σωφροσύνη) não são as ideais quando se tem um inimigo como Atenas. Daí que sejam acusados, entre outras coisas, de *falta de conhecimentos* (ἄμαθία), de *inactividade* (ἡσυχία)¹⁰, de *falta de percepção* (τὸ ἀναίσθητον) e de *incapacidade de calcular* (οὐδ' ἐκλογίσισθαι) ou de prever as diferenças do adversário que poderão acarretar a sua própria perda. Acusam-nos ainda de serem *desatentos* (περιορῶν – I.69.1), e de terem sucesso devido mais aos erros dos outros do que à sua própria ajuda (τιμωρία – I.69.5).

Os Coríntios dizem que os Atenienses são *inventivos* (νεωτεροποιοί), *corajosos para além da sua força* (παρὰ δύναμιν τολμηταί), *correm riscos para lá da reflexão* (παρὰ γνώμην κινδυνευταί), são *esperançosos nas situações perigosas* (ἐν τοῖς δεινοῖς εὐέλπιδες) e que *está na sua natureza* (πεφυκέναι) não terem *tranquilidade* (ἡσυχία)¹¹ e não deixarem ninguém tê-la (I.70.9). Os Atenienses presentes, além de confirmarem esta descrição, ainda acrescentam a sua teoria da lei do mais forte¹², que, na sua mais clara definição, vai dominar as suas reacções durante a guerra:

οὐδὲν πεποιθήκαμεν οὐδ' ἀπὸ τοῦ ἀνθρώπειου τρόπου [...] ἀλλ' αἰεὶ καθεστῶτος τὸν ἥσσω ὑπὸ τοῦ δυνατωτέρου κατείργεσθαι (I.76.2)

não fizemos nada que nos afastasse do carácter humano [...] mas desde sempre que está estabelecido que o mais fraco se submete ao mais forte.

⁹ Pela sua importância o decorrer da guerra, Plateias, Corcira ou Melos tiveram um destaque maior que Naxos, Samos ou Mênidis, por exemplo.

¹⁰ I.118.2. No fim da *Pentecontaecia*, a atitude que os Lacedemónios tomam demonstra as suas características: apesar de se aperceberem (αἰσθόμενοι) de que os Atenienses se estão a fortalecerem, não fazem nada (ἡσύχαζον) nem mostram pressa para partir para a guerra.

¹¹ Acima traduzi ἡσυχία por *inactividade* e aqui por *tranquilidade*, pois o que os Atenienses não são é inactivos.

¹² Veja-se ainda IV.61.5., onde Hermócrates diz:

πέφυκε γὰρ τὸ ἀνθρώπειον διὰ παντὸς ἄρχειν μὲν τοῦ εἰκοντος,
está na natureza dos homens comandar sempre os que são inferiores

Péricles (sempre na *Oração Fúnebre*) apresenta o Ateniense como versátil, o que faz dele o cidadão ideal. Das três actividades, normalmente, alternativas¹³, que são apresentadas, φιλοσοφία, πλοῦτος, τὰ πολιτικά, na realidade, não se excluem para o cidadão de Atenas, que as pode acumular, ocupando vários cargos e exercendo qualquer umas daquelas actividades ao mesmo tempo, para bem da sociedade (II.40.2). Afirma ainda que, contrastando com os Lacedemónios, os Atenienses não necessitam de uma grande preparação para a guerra, pois têm, na sua *physis*, a coragem necessária para enfrentarem os perigos, sem necessitarem de uma educação rigorosa desde a infância, como acontecia em Esparta (II.39). E, quanto à lei, são obedientes, não sem antes discutir os assuntos antes de tomar posições, sendo homens tolerantes. Declara também que são diferentes das outras cidades pela igualdade perante a legislação, que serve para gerir conflitos do domínio público, pois os Atenienses, pelo receio, são obedientes aos magistrados e às leis (II.37.3):

καὶ ὄνομα μὲν διὰ τὸ μὴ ἐς ὀλίγους ἀλλ' ἐς πλείονας οἰκεῖν δημοκρατία κέκληται· μέτεστι δὲ κατὰ μὲν τοὺς νόμους πρὸς τὰ ἴδια διάφορα πᾶσι τὸ ἴσον (II.37.1)

E quanto ao nome, porque não governam para poucos, mas para muitos, chama-se democracia; no que respeita à parte que cabe a cada um, há igualdade, pelas leis, para todos em relação às divergências privadas.

Afirma também que a riqueza não faz os Atenienses serem arrogantes, que estes têm capacidade para enfrentar os perigos com consciência, informando-se antes de agir; têm capacidade de prever os acontecimentos e, por isso, de tomar medidas de precaução; são generosos, ajudando por altruísmo.

O facto da *Oração Fúnebre* assumir na obra uma extensa e importante posição, quer como documento da política de Péricles e dos princípios democráticos, quer como documento elucidativo do carácter dos Atenienses, não permite que se conclua que há coerência entre o conteúdo e os factos¹⁴. Podemos apresentar alguns exemplos de como as afirmações de Péricles sobre os valores dos Atenienses, enunciadas acima, não se vêm a verificar como verdades universais e eternas. Senão vejamos:

a) riqueza sem arrogância (II.40.1).

πλούτῳ τε ἔργου μᾶλλον καιρῷ ἢ λόγῳ κόμπῳ χρώμεθα

fazemos uso da riqueza, mais para agir no momento certo do que em discursos arrogantes

Como explicar uma personalidade como a de Cléon? Atente-se nas posições que toma na discussão com Diódoto, no chamado *Diálogo de Mitilene*, e a falta de rectidão que revela (através de mentiras e intrigas – IV.27.2-5; V.16.1) para conseguir o comando das tropas em Pilo.

E Alcibíades? A sua fortuna pessoal permitiu-lhe dar forma à suas ambições e orgulho (V.43.2). No discurso que pronuncia a favor da expedição contra a Sicília (VI.16-18), o seu auto-elogio revela a arrogância que o vai caracterizar e que lhe vai permitir ter sucesso mesmo nas situações de desgraça.

b) capacidade de encarar os perigos com consciência (II.40.2)

μόνοι γὰρ τὸν τε μηδὲν τῶνδε μετέχοντα οὐκ ἀπράγμονα, ἀλλ' ἀχρεῖον νομίζομεν, καὶ οἱ αὐτοὶ ἦτοι κρίνομέν γε ἢ ἐνθουμούμεθα ὀρθῶς τὰ πράγματα, οὐ τοὺς λόγους τοῖς

¹³ Ver artigo de JEFFREY RUSTEN, «Two Lives or Three? Pericles on the Athenian Character (Thucydides 2.40.1-2)» *Classical Quarterly*, 35 (I), 1985, 14-19.

¹⁴ D. РОКЕАН, «Τὰ δέοντα περὶ τῶν αἰεὶ παρόντων. Speeches in Thucydides: factual reporting or creative writing?», *Athenaeum*, LX. 3-4, 1982, 386-401 (395).

ἔργοις βλάβην ἡγούμενοι, ἀλλὰ μὴ προδιδαχθῆναι μᾶλλον λόγῳ πρότερον ἢ ἐπὶ ἃ δεῖ
ἔργῳ ἐλθεῖν.

Pois somos os únicos que não consideram aquele que não participa como tranquilo, mas como inútil, e, na verdade, reflectimos ou fazemos propostas correctamente sobre os assuntos e não supomos que os discursos prejudicam as acções, mas sim que aprendemos antecipadamente através das palavras, antes de chegar ao que temos de fazer.

O desastre da Sicília vem a provar que essa capacidade não é permanente e, por isso, não é uma verdadeira característica. Em muitas situações, se o optimismo e excesso de confiança dos Atenienses não teve um resultado pior deveu-se à falta de iniciativa dos Peloponésios.

Nícias, no segundo discursos perante os Atenienses, na tentativa de os dissuadir da referida expedição à Sicília, adverte para o perigo de terem de bater em retirada por

τὸ πρῶτον ἀσκέπτως βουλευσαμένους. (VI.21.2)
terem decidido sem primeiro reflectir.

c) capacidade de previsão (II.40.3)

διαφερόντως γὰρ δὴ καὶ τότε ἔχομεν ὥστε τολμᾶν τε οἱ αὐτοὶ μάλιστα καὶ περὶ ὧν
ἐπιχειρήσομεν ἐκλογίζεσθαι

na verdade, também nos distinguimos aqui por sermos aqueles que têm uma audácia maior e tentamos calcular sobre o que pode acontecer

Péricles admite ter essa capacidade, mas diversas decisões tomadas na guerra demonstram que não esta não é uma característica de todos os Atenienses ou mesmo exclusiva dos seus concidadãos. Brásidas ou Hermócrates, da parte dos adversários, são bons paradigmas de pessoas que têm essas capacidades. As deliberações que levaram ao desastre da Sicília são um exemplo desta falta de percepção.

d) generosidade: o que fazem de bem traz-lhes amigos e ajudam os outros sem outro interesse que não a liberdade (II.40.4)

καὶ μόνοι οὐ τοῦ ξυμφέροντος μᾶλλον λογισμῷ ἢ τῆς ἐλευθερίας τῷ πιστῷ ἀδεῶς τινα
ὠφελοῦμεν.

e somos os únicos que, sem proveitos nem com cálculos, ajudamos o outro, sem medo e com a confiança da liberdade.

Pela obra de Tucídides, encontramos referência à *φιλία*, mas o seu sentido passa mais pelo interesse que essas amizades possa trazer do que por um verdadeiro altruísmo. Muitas vezes amizade surge como sinónimo de aliança, como em II.7.3, no início da guerra, quando os Atenienses enviaram embaixadas para locais à volta do Peloponeso, à procura de *amizades que fossem seguras* (*φιλία ταύτ' εἶη βεβαίως*), tal como quando se afirma que os Corcíreus aceitaram fazer um contrato por

ὥστε τοὺς αὐτοὺς ἐχθροὺς καὶ φίλους νομίζειν. (III.75.1)
pensarem que tinham os mesmos amigos e inimigos (que Atenas).

Mesmo assim, estas amizades não se podem estabelecer entre todo o tipo de pessoas ou cidades. Já os Mitileneus, quando se desligaram da aliança com Atenas, um dos argumentos que utilizaram foi, precisamente, o facto de acreditarem que não pode haver amizade se não houver semelhanças entre os intervenientes (III.10.1)¹⁵.

¹⁵ Ideia, de algum modo, relacionada com a apresentada em I.91.7, na observação que Temístocles faz sobre a paridade necessária para qualquer negociação justa.

Quanto à afirmação de Péricles que refere um modo desinteressado de relacionamento, não parece que os povos conquistados acreditassem nessas intenções, como se pode verificar pelas advertências de Hermócrates, no livro IV, em cujo discurso (IV.59-64) os Siciliotas¹⁶ são alertados para o interesse que os Atenenses têm nas suas riquezas e não na amizade entre os povos.

Na realidade, Péricles pôde assistir a um acontecimento que enfraqueceu os Atenenses e que provocou grandes alterações de comportamento: a peste. Terá havido uma mudança na *physis*? Os homens reagiram como seria de esperar numa situação dessas. Fizeram-no por serem fracos? Afirma Tucídides:

οἱ γὰρ ἄνθρωποι πρὸς ἃ ἔπασχον τὴν μνήμην ἐποιοῦντο (II.54.3)

Efectivamente, os homens constroem a memória com referência ao que sofreram.

Esta generalização parece-nos uma lei da *physis*, aplicável à generalidade dos homens quando perante uma circunstância de desânimo. Aliás, este tipo de situações é frequente durante a guerra e é aos chefes que cabe a tarefa de tentar mudar o espírito das suas tropas ou do seu povo, com maior ou menor êxito. Se considerarmos esta uma lei da *physis*, poderíamos ver que encontra eco em diversas partes da obra.

A peste veio, efectivamente, mostrar que as características dos Atenenses que Péricles exaltou na *Oração Fúnebre* só se manifestam em situações ideais, de paz ou de supremacia. Refere o estratega que

δέος μάλιστα οὐ παρανομοῦμεν, τῶν τε αἰεὶ ἐν ἀρχῇ ὄντων ἀκροάσει καὶ τῶν νόμων (II.37.3)

o receio impede-nos, sobretudo, de agir contra as leis, pois obedecemos sempre aos que comandam e às leis.

Na verdade, logo no Verão seguinte a este discurso, em 430 a.C., os homens, não sabendo o que lhes vai acontecer como resultado da peste, desrespeitam quer as coisas sagradas, quer as humanas (II.52.3) e a praga foi considerada a causa do desrespeito pelas leis (*ἀνομίας* – II.53.1). A falta de esperança no futuro fez os homens ficarem interessados apenas na satisfação imediata dos seus prazeres (II.53.2), ignorando as leis humanas e divinas (II.53.4).

Para quem defendia – como Péricles – que mesmo as leis não escritas (*ἄγραφοι*) eram respeitadas¹⁷, este comportamento vem demonstrar a precariedade do *nomos* em relação à *physis*.

3. Os chefes

Chegamos ao terceiro agente: os chefes. A responsabilidade das acções pertence-lhe e não aos que os seguem, afirmam os Plateenses (III.55.4) e os Tebanos (III.65.1). A necessidade de uma liderança forte foi sempre sentida por aqueles que estavam no comando ou que a ele aspiravam.

Começemos por Esparta. Arquidamo defendia uma política de cautela e diálogo. Diz-se do rei espartano, em I.79.2, que *era considerado um homem inteligente e prudente* (*ἀνὴρ καὶ ξυνετὸς δοκῶν εἶναι καὶ σώφρων*). O discurso que faz, em I.80 e seguintes, apela à moderação, à negociação, às alianças, em vez de a uma partida imediata para combate, que poderia ser fatal aos Lacedemónios, por falta de prepa-

¹⁶ Siciliotas eram os gregos da Sicília para se distinguir dos Sicelos ou Sículos, originários da Itália, mas considerados entre os habitantes primitivos da Sicília; Sicilianos será a forma unificadora, de todos os habitantes da ilha. Sobre a colonização da Sicília, cf. VI.2-5.

¹⁷ Péricles, em II.37.3.

ração adequada. Respondendo às acusações que os Coríntios lhe fazem, de *lentidão* (I.71.4 ἡ βραδυτής) e *hesitação, gosto em adiar* (I.71.1 διαμέλλετε), Arquidamo riposta (I.84.1) que τὸ βραδὺ καὶ μέλλον não é vergonha e, de uma maneira proverbial, conclui: σπεύδοντές τε γὰρ σχολαίτερον (*pois quanto mais depressa, mais devagar*, numa equivalência quase directa do provérbio português).

Dos outros chefes lacedemónios, Brásidas foi o que mais importância veio a ter. Na batalha de Naupacto, juntamente com os outros conselheiros navais, demonstra já a uma forma de agir diferente dos seus concidadãos. Os Lacedemónios culpavam a μαλακία¹⁸ pela derrota sofrida perante a armada ateniense (II.85.2), mas Brásidas contradi-los ao explicar a verdadeira situação, declarando, em II.87.2-3:

τῆ τε γὰρ παρασκευῆ ἐνδεής ἐγένετο, ὥσπερ ἴστε, καὶ οὐχὶ ἐς ναυμαχίαν μᾶλλον ἢ ἐπὶ στρατείαν ἐπλέομεν· ξυνέβη δὲ καὶ τὰ ἀπὸ τῆς τύχης οὐκ ὀλίγα ἐναντιωθῆναι, καὶ πού τι καὶ ἡ ἀπειρία πρῶτον ναυμαχοῦντας ἔσφηλεν. ὥστε οὐ κατὰ τὴν ἡμετέραν κακίαν τὸ ἡσασθαι προσηγέετο.

na verdade, a preparação foi insuficiente, como sabeis, e nós não embarcámos para um combate naval mas sim para uma expedição militar; a isto juntou-se o acaso que esteve contra nós e não foi pouco e ainda talvez a inexperiência tenha causado a perda neste primeiro combate naval; por isso, a derrota não aconteceu devido à nossa cobardia.

e aproveita para usar as fraquezas em favor dos seus homens, dando-lhes a entender que têm uma superioridade natural que permanece, contrapondo *o saber* (ἡ ἐπιστήμη) dos Atenienses à sua *presença de espírito* (ἐνθυμία), a sua *inexperiência vencida pela sua própria coragem* (ἀνδρεία) e a sua *força* (ἀλκή) que vence a *técnica* (τέχνη) dos adversários.

A defesa de uma *physis* dos Lacedemónios é aqui clara. O mesmo Brásidas, em IV.126.2., menciona um *valor intrínseco* (δὲ οἰκείαν ἀρετήν) que os seus homens teriam e que lhes permitiria não recear enfrentar um exército em número superior. Na expedição que faz, com os Calcidenses, contra Acanto, o general é reputado como homem enérgico (δραστήριον – IV.81.1), valoroso e inteligente (ἀρετὴ καὶ ξύνεσις – IV.81.2). Além disso, Brásidas,

ἦν δὲ οὐδὲ ἀδύνατος, ὡς Λακεδαιμόνιος, εἰπεῖν
para Lacedemónio, não lhe faltava habilidade para falar¹⁹.

Foi assim que as características deste homem passaram a identificar, junto destas populações, as características de todos os Lacedemónios.

Da parte dos Atenienses, destaca-se Péricles, mas a sua acção na *História da Guerra do Peloponeso* é de curta duração, visto ter perecido no início. Assim, Atenas vai tendo diversos comandantes, consoante as expedições. Destaque-se Cléon, Nícias e Alcibiades.

O caso deste jovem é singular. O seu modo de actuar assemelha-se ao de um estado pequeno e fraco mas com um comandante possuidor de uma personalidade forte. Persuade como um estado fraco, oferecendo vantagens para se aliarem a si. Esta constante necessidade de aliança é sinal de fraqueza, mas os objectivos que pretende atingir com os acordos que obtém são plenamente conseguidos, tornando-se uma força; de facto, através de artimanhas e recurso a estratégias, consegue impor a sua vontade. Alcibiades vem a ser expulso da cidade de Atenas (VI.61.6), acusado de

¹⁸ Esta característica é apresentada pelos Coríntios como um dos piores defeitos que os Lacedemónios poderão ter (I.122.4) e atribuída especificamente a Arquidamo em II.18.3.

¹⁹ IV.84.2. Em Português existe o adjectivo *lacónico*, com o significado de *conciso, breve*, tendo esta palavra origem no grego *λακωνικός* que, inicialmente, queria dizer à moda dos Lacedemónios (ou Lacónios, da região da Lacónia, que tinham como cidade principal Esparta).

crime de sacrilégio²⁰ mas, passando por conselheiro em Esparta e depois na Pérsia, consegue inverter a situação e regressar como salvador da pátria (VIII.81.2). Os Atenienses deixaram-se levar mais facilmente pelo verbo de Alcibíades, do que pela temeridade de Nícias, o general que defende que o melhor método para manter a força é não a usar: não empreender uma guerra contra a Sicília, não ter aliados longe para não ter de os ajudar, não se intrometer nos problemas alheios (VI.9.-14). Predisse que o receio que a distância inspirava nos adversários tornava os Atenienses inatingíveis, aconselhando-os não partirem para a guerra contra a Sicília, preservando o que tinham enquanto os confrontos que decorriam nos territórios contíguos não se resolvessem (VI.9-14). Nícias é um homem previdente²¹ que pensa que não se deve confiar na sorte (τύχη) mas sim na inteligência (διάνοια)²², ciente de que o futuro é incerto (VI.9.3).

E, por diversas vezes, em ambas as facções, houve crises de liderança. Cléon não é querido entre as tropas atenienses²³, pois a sua *ignorância e fraqueza moral* (ἀνεπιστημοσύνης καὶ μαλακίας) opunham-se à *experiência e audácia* (ἐμπειρίαν καὶ τόλμαν) a que estavam habituadas. A sua morte e a de Brásidas, na mesma batalha de Anfípolis, veio permitir que Nícias (em representação dos Atenienses) e Plistóanax (em representação dos Lacedemónios) decidissem por um entendimento com vista à pacificação e à assinatura de um tratado que ficou conhecido como «paz de Nícias».

Estas duas personagens desejavam este acordo, mas nem todos os seus aliados eram dessa opinião. Alguns dos mais importantes, como os Coríntios, Beócios, Eleus e Megarenses, recusaram-se a assiná-lo (V.17.2), pois consideravam o texto do tratado não só lesivo para si próprios, como era uma admissão da fraqueza dos Peloponésios.

Nesta sequência dos acontecimentos, os Lacedemónios parecem estar dispostos a tudo: querem uma aliança de amizade com os Argivos, pois isso ajudaria a guerra fora do Peloponeso (V.36.1); querem uma aliança com os Beócios, pois precisam que estes lhes devolvam Panacto para que a possam trocar por Pilo, como Atenas exige (V.36.2; 39.3); querem uma aliança com os Coríntios, pois, sabendo serem eles os instigadores das revoltas, não querem perdê-los como membros da sua aliança (V.30). E assim, vão ficando cada vez mais isolados. O seu prestígio só começa a recuperar depois do sucesso na batalha de Mantinea.

4. νόμος/φύσις

Para terminar, resumiria qual a posição que Tucídides toma perante a dicotomia νόμος/φύσις, que nos parece a mais importante discussão em toda a *História da Guerra do Peloponeso*. Tucídides vai dando exemplos dos limites que se impõem à *physis* por parte do *nomos*, acabando por sustentar a superioridade da *physis*.

²⁰ Alcibíades teria estado envolvido na mutilação das estátuas de Hermes e na ridicularização das celebrações do Mistérios de Elêusis (VI.27-28.1.). Cf. CHARLES FORNARA, *Archaic Times to the end of the Peloponnesian War*, pp. 170-175.

²¹ Este seu modo de ser aproximou-o mais de do rei Arquidamo, por exemplo, do que dos seus colegas estrategos. Cf. Westlake, *Individuals in Thucydides*, Cambridge, 1968, p. 95, a propósito dos seus motivos para defender a paz:

They reveal a thoroughly unenterprising, almost feeble, way of thinking of which Thucydides certainly disapproved. It has affinities with the viewpoint of Archidamus and is entirely contrary to Periclean doctrine.

²² VI.11.6.

²³ Nem entre os Atenienses que ficaram, pois a sua aprovação como comandante desta expedição veio na sequência da liderança anterior, em Pilo. Quando o nomearam, os cidadãos de Atenas tinham dois propósitos: ganhar a batalha sem arriscar um líder apreciado por todos e verem-se livres de Cléon. Se ele ganhasse, tanto melhor; se viesse a morrer (como efectivamente aconteceu em Anfípolis) seria uma perda menor para a cidade (IV.28.5.).

É certo que Tucídides admite, em momentos concretos e definidos, que o *nomos* possa sobressair com um poder limitado, no tempo e no espaço, como acontece em algumas das situações que encontramos nas decisões contratuais. No entanto, a supremacia que o *nomos* possa ter sobre a *physis* só subsiste enquanto for regulada pelos que estiverem no poder. A aceitação da existência de uma lei sagrada não a faz inviolável, como o historiador nos diz que aconteceu durante a peste (especialmente em II.52.3-4).

Apesar da pertinência deste exemplo, bem como dos fragmentos 44 e 114, de Heraclito²⁴, Tucídides não considera a questão de uma perspectiva tão ampla. Para ele é claro que as leis da natureza não se deixam ficar espartilhadas num *nomos*. É o que nos diz pelas palavras de Diódoto²⁵ ou no polémico Livro III.84 (ver *infra*). Aristóteles, na *Política*, equaciona o problema do seguinte modo:

οὐ γὰρ ὁμοίον τὸ κινεῖν τέχνην καὶ νόμον· ὁ γὰρ νόμος ἰσχύει οὐδεμίαν ἔχει πρὸς τὸ πειθεσθαι παρὰ τὸ ἔθος, τοῦτο δ' οὐ γίνεται εἰ μὴ διὰ χρόνου πλῆθος, ὥστε τὸ ῥαδίως μεταβάλλειν ἐκ τῶν ὑπαρχόντων νόμων εἰς ἑτέρους νόμους καινοῦς ἀσθενῆ ποιεῖν ἐστὶ τὴν τοῦ νόμου δύναμιν. (1269a19-24)

pois não é o mesmo mudar a arte e mudar a lei, pois a lei não tem nenhum poder para convencer para além do hábito e este, por outro lado, não cresce senão através de longos períodos de tempo, de modo que alterar facilmente as leis existentes para outras leis novas é fazer enfraquecer a força da lei.

Tucídides refere esta possibilidade de se mudar os *nomoi*²⁶ e de interpretá-los segundo a conveniência de cada um (IV.98.2-7). E, estando as decisões na esfera do *nomos*, melhor se compreende a preocupação de quem está no comando, quer entre os Atenienses, quer entre os Lacedemónios, em aconselhar os subordinados com exortações, demonstrando possuir consciência do poder que a palavra pode assumir e como ela pode mudar decisões, conforme os interesses e as conveniências²⁷. A manutenção do *nomos* é essencial para a sobrevivência das instituições e para a organização da sociedade²⁸, e Tucídides, acreditando que a *physis* é superior, mostra-nos o que acontece quando ela toma o controlo da situação, como no caso de Corcira.

5. A questão da autenticidade de III.84

A autenticidade do capítulo 84 do livro III de Tucídides tem sido questionada por diversos autores, apesar de constar em todos os manuscritos. Os parcos escólios, o pouco uso por parte dos gramáticos e a ausência de comentários por parte de Dionísio de Halicarnasso foram algumas das razões apresentadas para a sua rejei-

²⁴ «Os que falam com juízo devem apoiar-se no que a todos é comum, como uma cidade deve apoiar-se na lei, e com muito mais confiança. Pois todas as leis humanas são alimentadas por uma só, a lei divina; é que ela tem tanto poder quanto quer, e para tudo ela é bastante e ainda sobra.» Tradução de LOURO DA FONSECA de G. S. KIRK, J. E. RAVEN & M. SCHOFIELD, *Os filósofos pré-socráticos. História Crítica com Seleção de Textos*, Lisboa, 41994.

²⁵ III.42-48, especialmente 45.3.

²⁶ I.40.4.como uma regra recente de um tratado, passível de escolha na sua elaboração; II.35.1. mostra que se podem introduzir modificações, não necessariamente negativas.

²⁷ Cléon crítica o gosto dos Atenienses pelas belas palavras (III.38.4.) e Tucídides diz-nos que eles se deixaram convencer pelos Egesteus a partirem em expedição para a Sicília (VI.6.3.).

²⁸ Os Plateenses (III.59.1.) argumentam que, se os Lacedemónios os matarem, estariam a violar uma lei comum aos gregos (τὰ κοινὰ τῶν Ἑλλήνων νόμιμα – provavelmente não escrita e talvez a mesma mencionada em III.58.3.); III.67.6. os Tebanos exortam os Lacedemónios a defender a lei grega (Ἑλλήνων νόμῳ); eles sofrem ἄνομα.

ção²⁹. No entanto, a bibliografia a favor³⁰ reforçou-nos a convicção de que não há uma razão forte para considerar o capítulo 84 do livro III como espúrio.

O nosso interesse em defender a autenticidade deste capítulo deve-se ao facto de considerarmos que é aqui que Tucídides mais claramente defende a superioridade da *physis* sobre o *nomos*. Para confirmarmos esta posição, procurámos ver se III.84. está isolado ou se os conceitos aí apresentados se encontram em outras partes da obra de Tucídides. No livro III afirma-se que:

τῶν νόμων κρατήσασα ἡ ἀνθρωπεία φύσις, εἰωθῦια καὶ παρὰ τοῦς νόμους ἀδικεῖν, ἀσμένη ἐδήλωσεν ἀκρατῆς μὲν ὀργῆς οὖσα, κρείσσων δὲ τοῦ δικαίου, πολεμία δὲ τοῦ προύχοντος: οὐ γὰρ ἂν τοῦ τε ὀσίου τὸ τιμωρεῖσθαι προυτίθεσαν τοῦ τε μὴ ἀδικεῖν τὸ κερδαίνειν, ἐν ᾧ μὴ βλάβπτουσιν ἰσχύον εἶχε τὸ φθονεῖν. (III.84.2)

a natureza humana, vencendo as leis, gosta de mostrar que não tem poder sobre a fúria, que tem o hábito de cometer injustiças contra as leis, é melhor que a justiça e é superior a tudo o que for hostil; de facto, não teriam posto a vingança à frente das coisas sagradas nem o lucro à frente da justiça, se a inveja não tivesse uma força que magoa.

e em III.84.3. declara-se que as leis comuns são universais e um apoio para os homens, mas que, mesmo assim, por motivo de vingança (que, em diversos passos aparece sob a forma de inveja e interesses pessoais), estes destroem-nas, arriscando-se a ficar desamparados:

ἀξιουσί τε τοῦς κοινούς περὶ τῶν τοιούτων οἱ ἀνθρώποι νόμους, ἀφ' ὧν ἅπαντιν ἐλπίς ὑπόκειται σφαλεῖσι κὰν αὐτοῦς διασφύζεσθαι, ἐν ἄλλων τιμωρίαις προκαταλύειν καὶ μὴ ὑπολείπεσθαι, εἴ ποτε ἄρα τις κινδυνεύσας τινὸς δεήσεται αὐτῶν (III.84.3).

os homens quebram as leis comuns, que valem para todos nestas situações, e nas quais a esperança assenta em caso de perigo, para se vingarem de outros, ainda que elas sejam a sua salvação, e não deixam que permaneçam, mesmo se alguma vez, por acaso, algum dos que corre riscos tem necessidade delas.

Além da coerência com se manifestam no contexto³¹, estas ideias aparecem significativamente desenvolvidas em outros passos, corroborando a ideia de que há uma unidade de pensamento neste contexto específico e que este capítulo não se encontra desintegrado. Vejamos algumas:

- 1 – Em II.22.1 também se afirma que ὀργή controla os homens, isto é, tem poder sobre a *physis* (III.84.2);
- 2 – Em II.37.3. diz-se que os Atenienses, em público (τὰ δημόσια), não transgridem as leis. Esta especificação poderá significar que o poderão fazer em

²⁹ W. K. PRITCHETT, na sua edição de Dionísio de Halicarnasso (*Dionysius of Halicarnassus: On Thucydides*, Berkeley, 1975), p. 117, n. 7, faz um ponto da situação sobre os *pro* e os *contra*. A. W. SPRATT (*Thucydides. Book III*, Cambridge University Press, Cambridge, 1905, pp. 255-256) declara que «Poppo, Sthal, Kruger, Goller, Classen, Cobet, Herwerden, and Arnold, reject it in toto. [...] long familiarity with the chapter has only strengthened my own conviction that Chap. 84 is just as much the work of Thucydides as either of its two predecessors». Recentemente, P. J. RHODES rejeita-o. No seu comentário *Thucydides, History III*, Warminster, 1994, p. 239, afirma que «84 is not blatantly un Thucydidean, but on the evidence of the scholiast and Dionysius it is better rejected»; HENRY IMMERWAHR, «Pathology of Power and the speeches in Thucydides», in PHILLIP STADTER (ed.), *The Speeches in Thucydides*, Chapel Hill, 1973, 16-31, p. 19, n. 8.; HUNTER ROWLINGS III considera uma questão em aberto (*The Structure of Thucydides' History*, Princeton, 1981, p. 179, n. 7.), CHRIST aceita (ver nota seguinte) e J. R. ELLIS, «The Structure of Thucydides Dissertation on Stasis and the Authenticity of 3.84», *Electronic Antiquity*, I, 2, July, 1993, diz mesmo que «The stasis narrative with chapter 84 simply deleted would be structurally impossible».

³⁰ Principalmente MATTHEW CHRIST, «The Authenticity of Thucydides 3.84», *Transactions of the American Philological Association* 119, 1989, 137-146, e J. R. ELLIS, *op. cit.*

³¹ Ver artigo de J. R. ELLIS citado nas notas anteriores.

- privado, mostrando como os homens cometem injustiças contra a lei (III.84.2);
- 3 – Em II.53.4, a afirmação acima é desdita (confirmando a nossa especificação) quando se afirma que o receio dos deuses ou das leis não impede os homens de agir como lhes apraz, ideia essa reiterada em III.45.3, por Diódoto. Aliás, como vamos poder mostrar no capítulo IV, pensamos que este ateniense, no seu discurso contraditor de Cléon (III.41-48), é revelador de um conhecimento adequado sobre os valores da *physis* e do *nomos* e da importância que se deve dar a um ou a outro consoante as necessidades;
- 4 – II.85.2. A *óργή* leva os homens a não pensarem com justeza e clareza. Podemos interrogar-nos se não será, precisamente, porque é mais forte (III.84.2), que faz com que os Lacedemónios, aqui, duvidem da sua própria *physis*;
- 5 – Em III.82.2. (no mesmo enquadramento de III.84.2, mas não considerado espúrio pelos estudiosos), podemos ler que, enquanto a natureza humana for a mesma (ἡ αὐτὴ φύσις ἀνθρώπων ἦ), os homens são melhores quando vivem em boas condições, e piores no momento em que essas condições são alteradas. Em II.53, quando a peste assola Atenas, os homens, que antes eram respeitadores das leis, agora agem em detrimento delas, pensando unicamente no seu bem-estar individual.
- 6 – Em III.82.6., ainda no mesmo contexto, já se declara que o que une os homens não são as leis dos deuses (τῷ θεῷ νόμῳ), mas as ilegalidades que praticam em comum, negligenciando a utilidade das leis estabelecidas (οὐ γὰρ μετὰ τῶν κειμένων νόμων ὠφελίαις).
- 7 – III.82.7. confirma III.84.3. Neste passo comenta-se que os homens preferem fazer sofrer em vez de se defenderem do sofrimento, preferindo

οἱ πολλοὶ κακοῦργοι ὄντες δεξιῶι κέκληνται ἢ ἀμαθεῖς ἀγαθοί.

ser chamados espertos, sendo maldosos, a serem chamados ignorantes, sendo bons.

- 8 – II.65.7 e II.65.11 são uma clara corroboração de III.84.3, quando se declara que Atenas ficou em perigo por os interesses pessoais terem sido colocados em primeiro lugar. Ainda em III.82.8, se antecipa este passo ao afirmar que vinganças e interesses privados regem os comportamentos³² e que as leis servem para resolver conflitos privados (tal como em II.37.1).

Sintetizando as ideias acima expressas, o capítulo 84 parece assumir-se como uma súpula das teorias que as personagens e o narrador foram apresentando nos capítulos precedentes. Posto que não encontramos incongruências, não nos repugna aceitá-lo como autêntico e lê-lo como uma sinopse da teoria da superioridade da *physis*. Mesmo que antes discordássemos e, depois, esta argumentação não nos convencesse, a objectividade do paralelo encontrado em outros passos não nos permitiria aceitar a subjectividade de algumas críticas³³ apontadas para desacreditar III.84.

A obra de Tucídides continua um espaço de reflexão da actualidade. Os valores humanos e sociais, não exaustivamente desenvolvidos nesta apresentação, espelham-se na questão *nomos/physis*. E esta dicotomia também não se esgota nestas duas palavras, mas está presente em todas as acções humanas. E, mesmo que os termos não apareçam expressos, os conceitos existem por detrás das próprias palavras.

³² Para a *physis* provocando inveja, cf. II.35.2.

³³ A. W. GOMME, no comentário a este passo, no vol. II de *A Historical Commentary on Thucydides*, Clarendon Press, Oxford, 1956, recusa expressamente a autenticidade com base em argumentos de estilo, achando que o capítulo em causa é, no entanto, «moderately good imitation of Thucydides».

1